

DES/CUIDADOS COM PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

CARE/LESS WITH MALE TEACHERS IN CHILDHOOD EDUCATION AND SOCIAL REPRESENTATIONS

Leonardo Alves de Oliveira ¹

Josiane Peres Gonçalves ²

RESUMO: Território predominantemente feminino, poucos são os homens que buscam um espaço na Educação Infantil. Grande parte das representações sociais (adota-se o conceito de Moscovici e Jodelet) aponta que a educação, nesse nível, é uma função melhor desempenhada por mulheres, o que acaba por gerar preconceitos. Este artigo tem a intenção de visibilizar particularidades e representações sociais que envolvem o professor homem de educação infantil por meio de uma pesquisa realizada numa cidade do interior de Mato Grosso do Sul. Foram analisadas entrevistas com familiares de crianças que frequentam a educação infantil, uma entrevista com um graduando do curso de Pedagogia e um relatório de experiências de estágio. Os resultados apontam, principalmente, representações sociais e situações que desvalorizam a formação docente de modo geral ao classificar homem e professor homem como “descuidado”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil, professores homens, representações sociais.

ABSTRACT: Female-dominated territory, there are few men who seek a space in early childhood education. Much of the social representations (it adopts the concept of Moscovici and Jodelet) indicate that education at this level is a function best performed by women, which ultimately generates prejudices. This paper aims to give visibility to some particularities and social representations that involve male teachers of childhood education by means of a research in a small town in Mato Grosso do Sul, Brazil. Were analyzed interviews with families of children that frequent childhood education, an interview with a Pedagogy undergraduate and a training experiences report. The results indicate, mostly, social representations and situations that devalue teacher training altogether to classify man and male as “careless”.

KEYWORDS: Early childhood education, male teachers, social representations.



Vol. II Número 22 Jul./Dez. 2016

Ahead of Print

¹ Bolsista de Iniciação Científica CNPq. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). leol.dioliveira@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (UFMS/CPAN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação pelo Centro de Ciências Humanas e Sociais

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço majoritariamente feminino. Aliás, 51% da população brasileira é formada por mulheres, conforme apontam dados do Censo Demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na educação básica, entretanto, as mulheres compõem a mais expressiva parcela dos profissionais docentes. Baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad 2006), Gatti e Barreto (2009) revelam que no ensino médio as mulheres representam 67% dos profissionais docentes; no ensino fundamental, 88,3%; e na educação infantil 98% (!).

Por meio de pesquisa quanti-qualitativa, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), constatou que no município de Naviraí (Mato Grosso do Sul) não há homens atuando profissionalmente na educação infantil e este fato, por sua vez, levantou diversos questionamentos. Por que não há (ou há poucos) homens na educação infantil? Os homens estão desinteressados? O que as pessoas pensam sobre o trabalho do homem neste nível de ensino? Representações sociais podem influir nas escolhas dos homens no momento de escolher uma profissão? Estudantes homens do curso de Pedagogia enfrentam situações/dificuldades singulares (se comparadas às enfrentadas pelas estudantes)?

Além de transformações históricas e culturais no contexto do sistema capitalista, o processo de “desmasculinização” ou feminização do magistério foi/é permeado por diversas imagens, significações e representações atribuídos a professores e professoras (LOURO, 1997; CARVALHO, 1998; GONÇALVES, 2009; MATTOS, 2011; MONTEIRO, ALTMANN, 2013; RABELO, 2013). Parece necessário o exercício de reflexão sobre a majoritária presença feminina e a escassa presença masculina na educação infantil além dos estudos que privilegiam abordagens semelhantes com relação ao ensino fundamental. E neste artigo, com a intenção de visibilizar particularidades e representações sociais que envolvem o professor homem de educação infantil, essa necessária discussão partirá de agentes educativos não convencionais: graduandos do curso de Pedagogia e familiares de crianças que frequentam a educação infantil.

METODOLOGIA

Os dados que permitem as discussões propostas neste artigo provém de fontes diversas: uma entrevista semiestruturada realizada com um acadêmico do curso de Pedagogia da UFMS, que buscou identificar o posicionamento do entrevistado com relação à atuação do homem na educação infantil, a formação de professores, os “papéis masculinos e femininos” e a comparação entre as experiências de estágio masculina e feminina; um relatório final de experiências de estágio supervisionado na educação infantil, no qual constam descrições e reflexões sobre a vivência do período de estágio; e ainda, entrevistas semiestruturadas realizadas pelo GEPDGE com familiares de crianças que frequentam a educação infantil, com o objetivo de verificar a existência de representações sociais relacionadas à atuação profissional de professores homens nessa etapa da educação.

De acordo com Gibbs (2009, p. 60) “a codificação é uma forma de indexar ou categorizar o texto para estabelecer uma estrutura de ideias temáticas em relação a ele”. É nesse sentido que, mesmo conservando as particularidades dos dados obtidos, estes foram codificados, descritos e classificados em categorias nos procedimentos de análise. A definição de “análise” de Miles e Huberman (1994, p. 10) é compatível com os procedimentos de análise e interpretação de dados aqui utilizados. “We define analysis as consisting of three concurrent flows of activity: data reduction, data display, and conclusion drawing/verification”.

As representações sociais estão espalhadas na linguagem, na comunicação, na mídia, no cotidiano (SÁ, 1998; JODELET, 2001), o que torna o processo de identificação possível, porém, elas - as representações - são naturalmente difusas, fugidias, multifacetadas e estão presentes em inúmeras instâncias da interação social. Dessa forma, mesmo que a captação direta e completa das representações sociais não seja possível, um rigor metodológico deve ser empregado para conferir à investigação um caráter científico.

DES/VALORIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Numa pesquisa realizada com seis professoras de educação infantil, Aragão e Kreutz (2012) sinalizaram a coexistência de duas representações sobre a docência: uma pautada em conhecimento teórico e outra vista como dom (vocacional). Percebe-se, assim, uma docência na qual o conhecimento teórico é valorizado e uma na qual isto não ocorre satisfatoriamente, pois sobrepõe-se ao conhecimento teórico e o diminui. O que interessa aqui é que, do mesmo modo, uma análise dos dados da entrevista (E) e do relatório de estágio (R) de dois estagiários em educação infantil - sujeitos da nossa investigação - revelam uma realidade educacional que reflete a coexistência da valorização e o rebaixamento do conhecimento teórico ou formação profissional. No entanto, os estagiários, aparentemente, são os únicos a valorizarem o conhecimento teórico nos contextos investigados.

Os excertos a seguir são transcrições da entrevista realizada com um dos estagiários e um trecho do relatório final de estágio do outro estagiário sujeito da investigação.

"Depende da formação... Independente do sexo, se você desempenhar a sua profissão com dedicação, principalmente dedicação, pode marcar a vida de uma pessoa... O jeito de conduzir a sala, o jeito de tratar. Entendeu? Não vejo diferenciação [entre papel masculino e feminino]. Eu acho que, na educação infantil, hoje tem homem lá... Estudou, 'tá' atuando, é aquilo lá. Não tem como... não tem tarefa específica masculina e feminina." (E)

"Antes de ingressar na Pedagogia, eu via... Nossa, um homem? Imagem masculina! Um homem cuidando de criança? Meio desconexo. A [minha] mentalidade era machista. Hoje eu vejo com outra mentalidade." (E)

"Após as brincadeiras no parque, já estava na hora do banho. Eu fui ao banheiro com a intenção de participar, como nos dias anteriores, mas fui barrado por uma questão de espaço. Sobre os tatames as crianças estavam sentadas. Em grupos de três, professora e estagiária lavavam as crianças e eu as secava. Não havia a possibilidade de atravessar os tapetes e ajudar com o banho de outra forma. Eu fiquei um pouco decepcionado com a professora pelo modo como ela tratava as crianças durante o banho. De maneira estúpida - eu digo esta palavra depois de uma tentativa fracassada de encontrar um eufemismo - a professora gritou para uma criança sair de um espaço no qual, por motivo desconhecido, ela não poderia ficar. A sensação de medo no olhar e corpo das crianças naquele momento atribulado me fez sentir revolta e impotência. O contraste proporcionado pela circunstância, no entanto, me fez sentir grato pelo fato de já ter formação suficiente para fazer as coisas de modo diferente." (R)

Esses trechos demonstram uma valorização do conhecimento teórico e da formação docente profissional por parte dos graduandos devido à: exposição da indiferença quanto ao sexo do profissional docente e uma elevação de seu processo de formação, ou seja, independente do sexo, a formação profissional deve capacitar o professor para que este exerça adequadamente as suas funções; demonstração da potencialidade do curso de Pedagogia de transformar um pensamento machista e limitador quanto à atuação de

professores homens na educação infantil, elevando novamente o conhecimento teórico como fonte de reflexão; associação entre formação docente e tomada de decisão na construção de uma prática educativa ideal/adequada. No último trecho, é interessante destacar que a reflexão se dá quando uma professora infringe uma representação arraigada de que as professoras são dóceis, e que por isso, são mais adequadas para a educação de crianças.

"Eu fui barrado na escola que eu participei. Criança tem que limpar! Não, não que eu queria fazer o serviço... Até porque tem pais que se soubessem que tem um homem lá, dando banho em menina, entendeu? Não iria aceitar... A população ainda não está pronta. Vai perguntar: 'Mas vai ser ele que vai dar banho?' Entendeu? Então, tinha um grupo de estagiários na sala. Eu não dei banho... Nem nos meninos. O pai de um menino não vai gostar que outro homem também fica lá passando a mão no filho dele. Eu não fui convidado [a dar banho nas crianças]." (E)

"Após a atividade, levamos as crianças para fora da sala para tomar suco. Enquanto isso, uma zeladora limpou a sala, incluindo o tapete no qual um dos alunos havia vomitado leite. Algumas crianças choraram no saguão, mas na maior parte do tempo exploraram o ambiente e se comportaram muito bem. E não, chorar não significa se comportar mal. Eu acaricio frequentemente a cabeça das crianças e também fico brincando com os seus cabelos. Ao perceber isso, a professora regente disse que eu deveria ser pai." (R)

"As músicas instrumentais infantis serviram de trilha sonora para o desconforto de Alehandro na cama, bem como da observação e controle que Daniele e eu tínhamos sobre o sono do bebê. Cuidamos. Minha companheira de estágio, ao perceber que eu estava animado ou que tinha gostado do primeiro dia, perguntou: 'Agora você quer ser pai?' Eu quero ser pai? Eu devo ser pai? [...] O curso de graduação para ser pai ainda não existe e eu provavelmente não faria se existisse." (R)

"Notei que eu e Pedro nos aproximamos muito, gostei muito dele, acredito que ele tenha gostado de mim também, pois me chamava de mãe, pai, tio, tia." (R)

"Antes de voltar para casa, passei na sala da diretora Clarice para pegar uns documentos que ela prometeu carimbar. Ela os entregou a mim e me perguntou o que eu estava achando da educação infantil. Contei que estava feliz, que não esperava gostar tão facilmente. Ela elogiou a minha relação com as crianças, falou de dom, vocação, de encontrar o meu espaço na Educação, de ter gostado do que viu." (R)

Os excertos acima, por outro lado, indicam cenários de desvalorização do conhecimento teórico e da formação docente. Chegamos à essa conclusão devido à/s: limitação de atividades que o estagiário homem pôde realizar, somente pelo fato de ser homem, ou seja, mesmo que tenha passado pela mesma formação que as graduandas, não seria "adequado" realizar as mesmas atividades, especialmente as que exigem maior contato físico; as associações do estagiário com o pai ou figura paterna, associação familiar que já desprestigia as professoras há algum tempo ao serem chamadas, por exemplo, de "mãe" e/ou "tia", de qualquer modo, se um profissional faz na instituição apenas o que um pai, mãe, ou tia fazem em casa, a formação docente é desnecessária e essas figuras familiares poderiam ser contratadas; associação da profissão docente à vocação ou dom, pois isso remete à doação, entrega, como se fosse dever daquele que recebe o dom pôr em práticas as

habilidades que foram naturalmente recebidas e se esse fosse o caso a formação docente seria igualmente desnecessária e, convenhamos, existiriam menos professores.

(R) não escolheu a instituição em que realizou suas atividades de estágio, ao contrário de suas colegas graduandas. Seu professor supervisor de estágio, preocupado com o processo de formação do estagiário, precisou fazer a busca de uma instituição que o aceitasse e em que ele pudesse desenvolver todas as mesmas atividades de rotina tais como as graduandas as desenvolveriam, especialmente as atividades de trocar fraldas e dar banho em crianças do sexo masculino e feminino. Esse cuidado foi tomado pela possibilidade de haver limitações no processo de formação, algo que, como vimos, já aconteceu com um estagiário da mesma instituição de ensino superior.

(E) apenas vestiu os meninos e as meninas, mas não participou da atividade do banho. Porém, todas as acadêmicas, colegas de estágio do acadêmico, foram convidadas a dar banho nas crianças. Notou-se uma preocupação por parte da instituição com a presença do estagiário homem na instituição, e essa preocupação parece estar ligada às atividades que exigem um contato mais próximo com a criança, as atividades nas quais o “cuidar” é o objetivo identificado mais facilmente.

Lopes e Nascimento (2012) enumeram alguns fatores que podem ser os motivos para o distanciamento do homem da educação infantil: os baixos salários e condições de trabalho - contudo, nos países cujos salários e condições de trabalho são melhores, também é observado um baixo número de homens atuando como professores de crianças da mesma faixa etária; a identidade masculina colocada sob suspeita; e a sensualidade impregnada na interação adulto-criança pequena, o suposto desejo existente nessa relação, preconceito do qual a relação mulher-criança pequena está imune.

Saparolli (1998 apud MONTEIRO; ALTMAN, 2013), com base em pesquisas internacionais, revela que os principais obstáculos para a participação de homens na educação infantil são: a) os “mitos e ideias arraigados sobre masculinidade”; b) a questão de essa área profissional ser ocupada preferencialmente por mulheres; c) os baixos salários; d) as condições inadequadas de emprego; e) o baixo *status* da profissão; f) preocupações relacionadas à possibilidade de abuso contra a criança, em uma associação da masculinidade à violência.

Entendemos que alguns desses fatores são obstáculos a serem enfrentados tanto por homens como por mulheres, afinal, baixos salários, condições inadequadas de emprego e baixo *status* da profissão são desafios a serem encarados por qualquer pessoa que aceite desafiar-se na educação básica pública brasileira. No entanto, os fatores restantes estão ligados a representações sociais, fator que adicionamos à essa “lista” como algo que afasta os homens da carreira profissional na carreira docente.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As situações que ilustram um rebaixamento do conhecimento teórico e desvalorização profissional infelizmente não causam grandes espantos, afinal, o senso comum está inclinado a acreditar, por exemplo, que o cargo de educador na educação infantil é mais adequado às mulheres. Esta ideia é justificada com argumentos que destacam características maternas da mulher: a mulher é mais carinhosa, a mulher tem mais paciência, a mulher cuida melhor de crianças. Portanto, no senso comum, imagens e representações são criadas com relação à atuação profissional docente.

A partir das obras de Moscovici (2012) e Jodelet (2001), conclui-se que as representações sociais são teorias coletivas que servem como base para interpretar e intervir na realidade. Elas funcionam como formas de conhecimento que servem como

instrumentos para responder aos problemas do cotidiano. O conceito foi introduzido por Serge Moscovici na segunda metade do século XX quando este estudou a representação social da psicanálise no pensamento francês.

De acordo com Jodelet (2000), representações sociais referem-se ao conhecimento do senso comum que nos serve no cotidiano; são construções com *status* de teoria ingênua, que servem de guia para a ação e instrumento para “ler a realidade”; são sistemas de significações que permitem interpretar acontecimentos e relações sociais. Como formas de conhecimento do senso comum, as representações sociais distinguem-se de outras formas de conhecimento, tais como a filosofia, a ciência, a religião, a arte (LOUREIRO, 2003) e à medida que se tornam naturais para o sujeito, dispensam a reflexão (CHARTIER, 1990; LOUREIRO, 2003).

Portanto, é nesse contexto do senso comum que o GEPDGE investigou as representações sociais de familiares de crianças que frequentam a educação infantil a respeito da atuação profissional de professores homens nessa etapa da educação. Oito familiares foram indicados por instituições de educação infantil da cidade em que se deu a pesquisa. Em famílias de arranjos variados, foram entrevistados/as pais, mães e uma avó. A escolaridade dos/as entrevistadas variam entre ensino fundamental incompleto e graduação e as idades entre 35 e 73 anos. A utilização do grupo taxionômico justifica-se pelo fato de que, em outros momentos, vários atores envolvidos na educação escolar foram entrevistados, englobando um universo maior de pesquisa, e além disso, considerou-se que esses sujeitos teriam uma relativa interação e/ou interesses comuns no que diz respeito à educação das crianças.

As representações identificadas foram, em grande parte, associadas a gênero e atribuídas ao profissional docente. Dessa forma, os homens foram representados como rígidos/menos pacientes e descuidados, e essas representações foram atribuídas aos professores homens; já as mulheres foram representadas como meigas, pacientes e delicadas, e essas características foram atribuídas às professoras. É interessante notar como os familiares adotam a atuação profissional das professoras mulheres como referência para opinarem sobre os professores homens. De fato, professores homens na educação infantil constituem algo não-familiar para eles e a única referência que possuem é a atuação profissional de mulheres. Nesse sentido, os familiares interpretam a realidade – utilizando como um dos instrumentos a oposição de características entre professores e professoras – para tornar o incomum em comum e para isso utilizam seus conhecimentos. De acordo com Louro

Professoras foram vistas, em diferentes momentos, como solteironas ou "tias", como gentis normalistas, habilidosas alfabetizadoras, modelos de virtude, trabalhadoras da educação; professores homens foram apresentados como bondosos orientadores espirituais ou como severos educadores, sábios mestres, exemplos de cidadãos... Diversos grupos e vozes desenharam esses sujeitos. Do outro lado, eles e elas acataram, adaptaram ou subverteram esses desenhos. Relações de poder estavam em jogo aqui — como em todas as instâncias sociais. (1997, p. 100)

Ainda, segundo a mesma autora, essas representações tipificavam professoras e professores e poderia se dizer que “a representação dominante do professor homem foi — e provavelmente ainda seja — mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto que a da professora mulher se vinculava mais ao cuidado e ao apoio 'maternal' à aprendizagem dos/das alunos/as” (p. 107). Nossos resultados evidenciam, no que diz respeito aos profissionais da educação, uma representação mais ligada ao autoritarismo quando os/as entrevistadas falam sobre a pouca paciência destes. Com relação às professoras mulheres, nota-se uma associação da profissão docente na educação infantil à maternidade.

[...] a mulher tem um pouco mais assim, de [...], digamos, de paciência, de como eu posso dizer assim? Porque a criança, assim, nesta idade, 'né?', tem que ter muita paciência para lidar, então eu acho que a mulher por ser um ser mais, digamos assim... A mulher é mais meiga, 'né?', tem mais paciência, então eu acho que a mulher, no meu modo de pensar, eu acho que a mulher dá mais certo pra este tipo de trabalho. (Pai de menina de 3 anos de idade)

[...]acho que a mulher leva mais jeito, na... tipo assim, às vezes a mulher já tem, às vezes por ser mãe ou algo do tipo, 'né?', e querendo ou não o homem ele é um pouco mais rústico 'né?' e mulher é mais delicada 'pra' cuidar, e ela teria a parte positiva e a negativa, a mulher por ser mais sensível, 'né?', principalmente com criança da idade dela [filha do entrevistado], e o homem acho que é meio 'descuidado', não sei, 'né?', minha opinião, 'né?' (Pai de menina de 1 ano de idade)

No excerto acima, o entrevistado desconsidera que os graduandos ao fazer o curso de Pedagogia, deve(ria)m receber formação necessária para atuar profissionalmente na educação infantil. Para ele, o fato de que a mulher já pode ter sido mãe “ou algo do tipo” é uma vantagem para atuar profissionalmente, o que em alguns até pode ser verdade, mas a supervalorização desses conhecimentos externos aos espaços de formação teórica e profissional desvaloriza professores e professoras.

A representação do homem como descuidado na lida com crianças pequenas e sua atribuição a profissionais homens da educação infantil é algo que merece destaque.

Acho que homem não leva jeito. [Risos]. Ah, para adaptar com a criança, acho ele meio assim... Na minha opinião, 'né?', porque eu vejo, assim, o [marido da entrevistada] se embaraça todo pra cuidar das crianças, então eu acho que mulher tem mais jeito, ele dá banho e tudo, mas eu já tenho de casa isso, né?, então por isso, né? (Mãe de menina de 1 ano e menina de 3 anos de idade)

De fato, essa representação social de professor homem descuidado pode ser o cúmulo da desvalorização profissional. O profissional da educação infantil é tão desvalorizado que mesmo graduado, toda sua formação é desconsiderada, ou seja, ele estudou, dedicou anos de sua vida à formação docente, mas ainda assim, no senso comum, pode ser comparado e colocado na mesma balança que um pai “desajeitado” que embaraça-se ao cuidar dos seus filhos.

Em outras situações, o educador na educação infantil é representado como alguém sem paciência. Vale destacar que a forma como os familiares caracterizam os professores, homens ou mulheres, poucas vezes tem relação com a aprendizagem de seus filhos.

É só, por exemplo, a paciência dele que não ajuda, porque ele tem menos paciência com criança do que a mulher, o ponto é isso, não que ele não é capaz, porque é um serviço. (Pai de menino de 3 anos de idade)

Nesse último excerto o pai entrevistado, apesar de representar o professor como “menos paciente” que a professora, expressa uma visão em que a profissão docente na educação infantil também pode ser profissão de homens. Não foi o único entrevistado a emitir opinião diferente ao sexo do profissional docente, mas um dos poucos. Uma entrevistada também mostrou-se indiferente à presença de homens na educação infantil. Porém, ao fazê-lo, associou a profissão docente à vocação, algo que desvaloriza a formação docente e que também foi identificado na pesquisa de Aragão e Kreutz (2013)

[...] porque a gente vê, existe médicos não existe só doutoras, 'existe médicas' para crianças, 'existe médicos' também, 'né?', tem outras áreas da saúde também que têm. Então acho que isso aí, eu não sou contra não, eu acho que é uma profissão, eu 'num'... Desde que seja com responsabilidade, que tenha vocação também, né? Acho que independente se for homem ou mulher, com criança tem que ter vocação, 'né?', se tem

que ter vocação para lidar porque não é fácil, 'né'? A gente vê que às vezes até a gente perde um pouco as estribeiras 'né?', com criança. Tem hora que eles tiram a gente do sério [...]. Tem que ter vocação 'pra' mexer com criança, não é fácil, eu vejo que até os pais tem hora que dão uma... (Mãe de menina de 3 anos de idade)

Em sua argumentação, a mãe compara a profissão docente à profissão médica. Esse tipo de comparação ajuda a compreender o novo e a formular representações. Para Moscovici (2012), a representação social é uma das atividades psíquicas que permitem a inteligibilidade das realidades física e social aos homens e implicam num enquadramento de estruturas, uma remodelagem de elementos. Dessa forma, por meio do que já se tem como conhecimento, o incomum é remodelado transformando o familiar em não-familiar.

Algumas pesquisas têm indicado representações ou preocupações com possibilidades de abuso sexual por parte de professores homens (LOPES, NASCIMENTO, 2012; MONTEIRO, ALTMANN, 2013; RABELO, 2013). Na investigação do GEPDGE essa representação não foi expressa, ao menos não explicitamente. Há um certo cuidado ao se falar desse assunto. Em pesquisa de âmbito estadual em andamento, notamos que é mais comum. Nessa investigação que ocorreu em apenas uma cidade, deixamos a fala a seguir sob livre interpretação.

[...] não tem muito o que conversar, mas em certas situações, não sei, como trocar, 'né'? Sei lá... Tipo assim... Uma troca de fralda, de repente uma situação mais íntima, principalmente da menina, eu acho que seria um pouco constrangedor para ele, não sei se eu 'tô' certa." (Mãe de menina de 3 anos de idade)

O que chama a atenção é a especificidade de tratar-se da troca de fralda de uma menina. Por que trocar a fralda de um menino seria menos constrangedor? Ainda assim, não podemos ser mais específicos somente com a análise dos dados de que dispomos. Interpretamos que essa seja apenas uma alusão ao tema da preocupação com abusos sexuais por parte de professores homens.

De qualquer forma, embora haja alguns indícios de aceitação do professor homem na educação infantil, a grande maioria dos/as entrevistados/as demonstraram clara preferência pela professora, pelas seguintes razões: mulheres são mais simpáticas/meigas; homens são descuidados; homens não se adaptariam às crianças; é melhor as coisas continuarem como estão. O único entrevistado que permaneceu indiferente, justificou essa indiferença por já ter tido professores homens que considerou bons. Isso revela a importância da experiência na desconstrução de preconceitos, bem como a importância de haver homens e mulheres nos espaços educacionais como modelos positivos de ambos os gêneros para as crianças.

As representações mais expressivas/expressas referem-se à falta de jeito dos (professores) homens e do oposto com relação às mulheres, ou seja, essas "levam mais jeito" na lida com crianças pequenas. E esse jeito, por sua vez, refere-se mais aos cuidados de higienização como dar banho, trocar fraldas, cuidados que embora componham os momentos de educação infantil, contribuam no imaginário social para conservar o caráter assistencialista dessa etapa da educação. Desse modo, os entrevistados não expressaram o quanto professores ou professoras poderiam contribuir com o desenvolvimento integral de crianças, real função da educação infantil (BRASIL, 1998), na verdade, professores ou professoras in/adequados receberam tal classificação dependendo de suas capacidades de realizar tarefas que os próprios pais fazem em casa sem necessitar de formação específica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do homem na educação infantil é quase inexistente e os homens que

“arriscam” seguir carreira nessa etapa da educação têm que lidar com preconceitos provindos de representações sociais de um educador ideal/adequado para crianças nesta faixa etária. Só nesse artigo, várias situações podem ilustrar as particularidades de embrenhar-se na educação de crianças como profissional homem: houve professor supervisor de estágio tendo que conversar com instituições em que seu aluno pudesse desenvolver todas as funções de professor normalmente, tal com as alunas; houve instituição de educação infantil negligenciando a atividade de um estagiário e “poupando” este de dar banho em crianças e trocar fraldas; e além disso, houve familiares de crianças que frequentam instituições de educação infantil representando professores homens como “descuidados”.

Os fatos mostram a necessidade de discussões e propostas de intervenção para que preconceitos sejam desconstruídos, assim como algumas representações precisam ser desconstruídas, pois essas, influenciam e direcionam as ações das pessoas que agem de acordo com aquilo que pensam que é certo, adequado, coerente, necessário. Associadas ao gênero e consequentemente ideias de masculino e feminino, as representações sociais com relação a professores e professoras da educação infantil identificadas neste trabalho além de desvalorizarem a formação/profissão docente, desvalorizam a educação infantil como espaço que objetiva o desenvolvimento integral de crianças por meio do cuidar, como os pais tornam enfático, mas também educar, em propostas em que haja uma união e inseparabilidade entre os termos.

Se as representações podem direcionar as atitudes e comportamentos das pessoas é possível que representações de profissional ideal da educação infantil tenham impedido os homens de construírem uma carreira nessa área da educação. Conforme eles conquistem esse espaço, as representações antigas podem dar lugar a novas ou adequarem-se a novas realidades. Esperamos que novas representações possam contribuir para uma crescente valorização da formação docente e da educação infantil, de modo geral.

Notas

³ Tradução livre: Definimos análise como constituída por três simultâneos fluxos de atividade: redução de dados, exibição de dados, e conclusão/verificação.

⁴ Informações originalmente publicadas em “A educação infantil e gênero: a participação dos homens como educadores infantis” na revista “Psicologia da Educação”, São Paulo, 6, 1º semestre 1998, p. 107-125, sob autoria de Eliana Campos Leite Saporoli.

⁵ O conceito de representação social é introduzido por Moscovici em 1961, com a publicação da versão em língua estrangeira de “A psicanálise, sua imagem e seu público”. A obra atribuída a Moscovici nas referências deste artigo é uma tradução publicada pela Editora Vozes.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. KREUTZ, L. Educação infantil e formação de professores: narrativas docentes em pauta. In: **IX ANPEDSUL: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul, 2012.** Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/437/552>> Acesso em: 04/08/2013.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil.** Brasília, DF: MEC, 1998.

CARVALHO, M. P. Vozes Masculinas numa profissão feminina. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v.6, n.2, p. 406-422, jun/dez 1998.

CHARTIER, R. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 13-28.

GATTI, B.; BARRETO, E. S. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2009.

IBGE. **Resultados Gerais da Amostra do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/99/cd_2010_resultados_gerais_amostra.pdf>. Acesso em: 01/04/2015.

JODELET, D. Representaciones sociales: contribución a un saber sociocultural sin fronteras. In: JODELET, Denise; GUERRERO TAPIA, Alfredo (Org.). **Develando la cultura**. Estudios en Representaciones sociales. México: UNAM, 2000.

_____. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

LOPES, Z. A. Identidade feminina: uma questão de gênero ou sexualidade? In SILVA, A. L. G. da; SOUZA, C. C. de; MELO, E. M.; et al. (orgs). **Concepções pedagógicas**: Fundamentos, metodologia e didática. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

_____; NASCIMENTO, C. C. G. do. A inserção do professor na educação infantil: um estudo sobre as relações de gênero. In: **VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero de ABEH**. Salvador, 2012.

LOUREIRO, M. C. S. Representações sociais e Formação de Professores. In: Campos, P. H. F.; Loureiro, M. C. S. (Org.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Editora da UCG, 2003, v. 1, p. 105-116.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATTOS, H. M. Z. H. **A questão do gênero e a formação da professora da educação infantil**. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC/PR, Curitiba, 2011.

MILES, M. B; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis**: an expanded sourcebook. 2. e. Sage Publications, 1994.

MONTEIRO, M. K; ALTMANN, H. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil. In: 36ª Reunião Anual da ANPEd, 2013, Goiânia - GO. **Anais da 36ª Reunião Anual da Anped**. Goiânia: Anped, 2013. v. 1. p. 1-17.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

RABELO, A. O. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 4, Dec. 2013.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

Recebido em: 13/05/2015

Aprovado para publicação em: 24/07/2016